

COMUNIDADE DE PRÁTICA, INDEXICALIDADE E ESTILO: SUBSÍDIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA UMA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA DE TERCEIRA ONDA

Carlos César Borges Nunes de Souza (UNEB)

caesar.souza@protonmail.com

Norma da Silva Lopes (UNEB)

nlopes58@gmail.com

RESUMO

A sociolinguística pode ter sua história epistemológica dividida em três ondas. A primeira onda corresponde a estudos em que a variação, e o estilo, estão correlacionados principalmente a fatores extralinguísticos, ou seja, a categorias macrosociais como sexo, classe social e escolaridade, a sociolinguística variacionista. Já a segunda onda, ao correlacionar a variação com condicionantes externos à língua, demonstra que aquela é o resultado de aspectos culturais locais unidos às redes de relações dos falantes, essa é conhecida como sociolinguística de cunho etnográfico. Na terceira onda, parte-se do pressuposto teórico de que a variação, especialmente o estilo, está vinculada a aspectos microsociais, como a comunidades de práticas, e a certa agência dos falantes na escolha bricolada de estilos (ECKERT, 2012). Para empreendermos pesquisas sociolinguísticas que se enquadrem em qualquer uma das ondas, é necessário conhecermos bem a literatura especializada no assunto e os principais conceitos que sustentam teoricamente cada uma delas. Neste artigo, nosso objetivo é focar na 3ª onda da sociolinguística, estabelecendo uma comparação com as outras 'ondas'. Pretendemos discutir o conceito de comunidade de prática, estilo e indexicalidade, centrando nas ideias de Eckert (2012) e descrever alguns conceitos que, de acordo com a literatura revisada, caracterizam teoricamente essa vertente dos estudos sociolinguísticos sendo, do ponto de vista epistemológico, o que deve orientar qualquer pesquisa nessa vertente.

Palavras-chave:

Estilo. Indexicalidade. comunidade de prática. Ondas da sociolinguística.

ABSTRACT

Sociolinguistics can have its epistemological history divided into three waves. The first wave corresponds to studies in which variation, and style, are mainly correlated to extralinguistic factors, that is, to macrosocial categories such as sex, social class and education, the variation sociolinguistics. The second wave, on the other hand, when correlating the variation with conditions external to the language, demonstrates that that is the result of local cultural aspects linked to the networks of relations of the speakers, this is known as sociolinguistics of an ethnographic nature. In the third wave, we start from the theoretical assumption that variation, especially style, is linked to microsocial aspects, such as communities of practices, and a certain agency of speakers in the bricolated choice of styles (ECKERT, 2012). In order to undertake sociolinguistic research that fits any of the waves, it is necessary to know well the specialized literature on the subject and the main concepts that theoretically support

each one of them. In this article, our goal is to focus on the 3rd wave of sociolinguistics, establishing a comparison with the other 'waves'. We intend to discuss the concept of community of practice, style and indexicality, focusing on the ideas of Eckert (2012) and describe some concepts that, according to the reviewed literature, theoretically characterize this aspect of sociolinguistic studies being, from an epistemological point of view, which should guide any research in this aspect.

KEYWORDS:

Indexicality. Style. Sociolinguistic waves. Community of practice.

1. Introdução

A pesquisa aqui delineada é parte de uma dissertação de mestrado em andamento, que se situa no campo da Sociolinguística e este artigo pretende discutir questões teóricas dessa vertente da Linguística.

O texto apresenta as três ondas da Sociolinguística, conforme a tipologia apresentada por Eckert (2012), nos concentrando em três conceitos teóricos da chamada terceira onda, a saber: comunidade de prática, indexicalidade e estilo.

Como a língua é um fato socialmente construído, sabemos que ela está a serviço de certos interesses sócio-históricos e a variação estilística recebe diferentes valores no mercado linguístico (BOURDIEU, 2008), consequentemente partimos do pressuposto de que os fenômenos variáveis que são objeto de estudo circulam no mercado linguístico de forma variável, recebendo valores diversos.

É importante ressaltar que, em estudos de terceira onda, o fenômeno linguístico a ser pesquisado não é definido previamente, como na Sociolinguística Variacionista Laboviana, mas no processo, devido à metodologia de coleta de dados, que é etnográfica (OLSEN, 2015), a partir da observação participante dentro da comunidade onde os dados serão coletados.

Nesse sentido, apresentaremos nas seções que seguem as três ondas da Sociolinguística, descrevendo como os fenômenos variáveis são abordados dentro do quadro teórico-metodológico de cada uma delas, especificamente no que diz respeito ao estilo. Como a língua é um fato socialmente construído, sabemos que ela está a serviço de certos interesses sócio-históricos e a variação estilística recebe diferentes valores no mercado linguístico, consequentemente partimos do pressuposto de que o fenômeno variável que será objeto de nosso estudo circulará no mercado linguístico de forma variável, recebendo valores diversos.

2. Da Sociolinguística Variacionista à Terceira onda ou perspectiva estilística

O tratamento da variação e mudança linguística realizado pela Sociolinguística, nos últimos 50 anos, não ocorreu sem uma contínua revisão teórico-metodológica. A Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 2006 [1966]; 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) argumenta, em contraposição ao estruturalismo linguístico, que (i) a língua é constituída de heterogeneidade ordenada, isto é, há normas categóricas e normas variáveis, (ii) essa heterogeneidade é passível de descrição linguística e (iii) se faz necessário estudar a língua em situações reais de uso, o que implica em seu estudo como fato social.

Em sua pesquisa sobre a estratificação social do -r em posição pós-vocálica, realizada em Nova Iorque, William Labov (2006 [1966], p. 40-57; 2008 [1972], p. 63-90) demonstrou que a distribuição dessa variável estava relacionada a fatores sociais, inferidos do *status* social das lojas onde ocorreram as observações anônimas. A pronúncia do -r (r-1) pós vocálico, variante de prestígio, encontra-se distribuída entre os funcionários das lojas Saks, Macy's e S. Klein. Saks, a loja com *status* social mais alto, ostenta a frequência de 30% enquanto S. Klein, loja cujo *status* é o mais baixo, possui a frequência de 4% (Gráfico 1).

Labov considera como fatores extralinguísticos, além do *status* social das lojas, a ocupação dos funcionários e a etnia. Nesse tipo de estudo, o significado social da variação está vinculado à pertença dos falantes a categorias macrossociais e o seu estilo é o reflexo desse pertencimento. As generalizações realizadas em estudos quantitativos de vertente laboviana não contemplam o falante como agente no uso da língua.

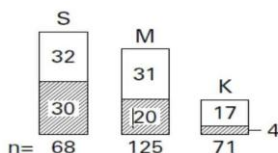


Gráfico 1: Estratificação geral do (r) por loja

Área sombreada = % total de (r-1)

Área não sombreada = % parcial de (r-1)

% da ausência de (r-1) não mostrada

N = número total

Fonte: LABOV, 2006 [1966], p. 47

Argumentando contra essa suposta passividade do falante, Milroy (1980) demonstra que a variação não está vinculada apenas a categorias macrossociais como classe, gênero e etnia, mas às redessociais complexas com as quais cada falante se relaciona. Nesse sentido, a construção do estilo, e consequentemente do significado social da variante, está vinculada à construção de sua identidade. Estudos desse tipo passaram a ser conhecidos como Sociolinguística Interacionista.

De acordo com Eckert (2012), a Sociolinguística Variacionista Laboviana e a Sociolinguística Interacionista podem ser classificadas como primeira e segunda ondas dos estudos sociolinguísticos, respectivamente. Estudos de primeira onda caracterizam-se por trabalharem com o conceito de comunidade de fala, com categorias macrossociais e por interpretarem o estilo como reflexo da posição dos falantes em tais categorias. A segunda onda permanece utilizando o conceito de comunidade de fala, categorias macrossociais, mas agrega as redes complexas de relações e o uso da língua como construção de identidade, no entanto o estilo ainda permanece vinculado à pertença do falante a categorias macrossociais.

No que se refere ao estilo como reflexo de categorias sociais, Eckert (2012, p. 93) argumenta que a mudança teórica principal na terceira onda foi saltar de uma visão da variação como um reflexo das identidades e categorias sociais para a compreensão de que a variação é fruto da prática linguística na qual os falantes se colocam na paisagem social através da prática estilística. Para captar a variação a partir desse pressuposto teórico, a pesquisadora argumenta que é necessário observar as práticas sociais dos falantes não em comunidades de fala, mas em comunidades de prática (ECKERT, 2012; ECKERT; WENGER, 2005), pois em meio a essas o falante circularia, modulando o seu estilo a partir do significado social das variáveis e suas variantes e emulando uma *persona* (ou *personae*). Nesse sentido, ele age ativamente na construção de um estilo bricolado. Esse tipo de estudo sociolinguístico é denominado pela autora de terceira onda, mas também é conhecido por perspectiva estilística (MENDES, 2017, p. 106).

Enquanto a comunidade de fala é definida geograficamente ou por população, a comunidade de prática caracteriza-se por ser um agregado de pessoas conectadas em torno do engajamento mútuo em empreendimentos em comum. Consequentemente compartilham maneiras de fazer as coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder, ou seja, práticas, a fim de alcançar tal empreendimento. A

comunidade de prática, enquanto construto social, se diferencia da comunidade de fala por ser definida, simultaneamente, por seus membros e pela(s) prática(s) em que estes estão envolvidos. As práticas de uma comunidade de prática e a participaçãoengajada de seus membros estruturam a comunidade socialmente (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1992, p. 95). No que diz respeito ao uso da língua dentro de tais comunidades, isso implica numa *performance* agentiva por parte do falante a fim de contribuir com tais comunidades e fazer parte delas.

Para demonstrar como o estilo é construído conscientemente pelos membros de uma comunidade de prática, podemos tomar como exemplo o estudo de Qing Zhang (2005). Com a entrada da China no mercado global, emergiu em Beijing uma elite jovem, denominada de *yuppies*, estes são diretores de empresas privadas com negócios transnacionais. Seu *status* no mercado financeiro global depende da projeção de uma *persona* cosmopolitana e materialista, em contraste com seus pares empregados em empresas estatais. Para tanto, eles construíram um estilo que progressivamente os distingue de seus paresfuncionários de estatais. Quatro variantes são recrutadas como recursos linguísticos na construção do estilo dos *yuppies*: (1) uso de tom alto (*full tone*)na pronúncia de sílabas em que comumente se espera tom neutro (*neutral tone*)¹; (2) rotacismo em sílabas finais; (3) suavização (*lenition*) das retroflexas em início de sílaba e (4) a realização interdental de /z/ onde se espera uma pronúncia sibilante (ZHANG, 2005, p. 439-445) (Gráfico 2).

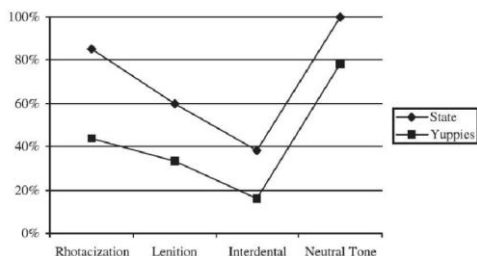


Gráfico 2: Contraste entre estilos (porcentagens)

Fonte: ZHANG, 2005, p. 450

¹ Thaïs Cristóforo (2012, p.77-78) ao tratar da tonicidade aponta a existência de línguas tonais, incluindo entre elas o mandarim. Sobre esta língua a autora afirma que é constituída por quatro tons.

As variantes 2, 3 e 4 são utilizadas em menor frequência pelos *yuppies*, pois elas são próprias do mandarim de Beijing, indexalizando não uma imagem cosmopolitana, mas local. A variante 1 é utilizada com frequência pelos *yuppies*, pois está associada a uma imagem cosmopolitana e transnacional, sendo característica do mandarim de Taiwan e Hong Kong, regiões marcadas pela imersão no mercado financeiro global.

No caso da indexicalidade², esse é um conceito empregado na terceira onda dos estudos sociolinguísticos e, de acordo com Eckert (2008, p. 454) significa que os significados sociais das variáveis não são precisos, ou mesmo fixos, antes constituem um campo de significados potenciais, um campo indexical, constituído por uma constelação ideológica de significados. Cada um dos possíveis significados sociais de uma variável pode ser ativado no uso situado destas. Nesse sentido, a variação constitui um sistema indexical que incorpora a ideologia na linguagem e os sentidos de uma varianteseriam eles mesmos variáveis.

A implicação teórica desse conceito é que o mesmo falante pode fazer uso de uma variante que, em certas situações, indexaliza significados sociais tanto negativos/estigmatizados quanto positivos/prestigiados, a depender da situação de uso.

A pesquisadora Campbell-Kibler (2007), em sua pesquisa sobre a pronúncia da variável -ING do inglês estadunidense, identifica duas variantes: (i) a pronúncia velar (-*ing*) e (ii) a pronúncia alveolar (-*in*). A variante velar indexaliza significados sociais positivos ao contrário da alveolar, que indexaliza significados negativos. No entanto, a autora demonstra que, em certos contextos (comunidades de prática), o uso da variante alveolar pode indexalizar significados positivos. Na figura 1, os adjetivos ‘relaxado’, ‘rude’, ‘preguiçoso’ e ‘despretensioso’, todos relacionados a variante alveolar, indexalizam significados negativos. Mas numa comunidade negra, o uso alveolar não significa ser preguiçoso, mas sim uma pessoa tranquila/despreocupada. A figura 1 organiza os possíveis significados sociais.

² Ronald Mendes (2017, p. 112-16), ao trabalhar com o conceito de indexicalidade, articula a palavra inglesa *indexicality* como “caráter indicial” em seu texto.



Figura 1: Campo indexical de ING
 Fonte preta: significados da variante velar
 Fonte cinza: significados da variante alveolar
 Fonte: ECKERT, 2008, p. 466

A pesquisa que estamos realizando está fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da terceira onda, buscando pelo significado social da variável que será estudada. Observa-se, porém, que a denominação “terceira onda” não significa, de acordo com Eckert (2012) uma desconexão com a sociolinguística de primeira e segunda ondas, ao contrário, levantamento de dados através de entrevistas sociolinguísticas e trabalho etnográfico são metodologias empregadas em trabalhos de terceira onda, só para citar dois aspectos que estão presentes em estudos de terceira onda.

3. *Língua, ideologia e interpelação dos sujeitos*

Em seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Louis Althusser descreve como a ideologia é articulada nos aparelhos ideológicos do Estado, tais como: escola, justiça e religião. Para tanto, o autor retoma conceitos marxistas, são eles: meios de produção, forças produtivas, infra e superestrutura, reprodução da força de trabalho e sujeito. O autor demonstra como os aparelhos ideológicos do Estado se apropriam da ideologia para perpetuar seus interesses. Por exemplo, a escola, a fim de perpetuar ou implementar uma determinada compreensão do que seria autoridade, respeito e disciplina, pode lançar mão da ideologia militar e projetar que as escolas civíco-militares seriam a solução para os problemas enfrentados nas escolas públicas que não aderem a esse sistema. Também poderia, a fim de combater a variação linguística (diastrática, diatópica, diamésica, etc.), recuperar o discurso normativo de gramáticos. Essas concepções de mundo são mediadas pela ideologia e o indivíduo se relaciona com as suas condições reais de existência através dessas concepções. De um ponto de vista crítico, essas

concepções de mundo, quando examinadas, são imaginárias, ou seja, não correspondem à realidade (ALTHUSSER, 1980, p. 77-8).

Nesse sentido, sabemos que a língua pode ser utilizada de forma idealizada e, portanto, ideológica, a fim de perpetuar certos interesses sociais. Especialmente depois da Revolução Francesa e do desenvolvimento do conceito de nação, através do qual se criou a concepção de língua oficial do Estado e a standardização de uma determinada variedade em detrimento de outras (FARACO, 2016, p. 23-38). Essa língua oficial, um construto sócio-histórico, perpetua não somente a ideia de uma nação homogênea, mas de uma língua homogênea. Isso implica que as demais variedades são cerceadas pelo discurso do “erro”, “vícios de linguagem” e outros qualificadores que resultam no preconceito linguístico.

Dessa forma, o estilo, em uma comunidade de prática, pode indexicalizar significados sociais diversos vinculados à superestrutura ideológica, mas também pode rebelar-se contra estes. Com isso queremos dizer que, uma variante desprestigiada, numa determinada comunidade de fala ou práticas, pode ter significados sociais positivos em outra comunidade, como vimos acima na figura 1. O impacto da ideologia dominante sobre o estilo linguístico de uma comunidade de prática tem efeitos diversos. Os aparelhos ideológicos de estado não atingem as instituições e agrupamentos com a mesma eficácia, abrangência e resultados esperados. Disso resulta que a variação linguística não é percebida, compreendida e recepcionada de forma homogênea entre as comunidades de fala ou práticas.

4. O(s) mercado(s) linguístico(s)

Como se articulariam então o mercado linguístico (BOURDIEU, 2008) diante dessa heterogeneidade na recepção da ideologia dominante? Apesar de Pierre Bourdieu deixar claro, em sua obra *A Economia das Trocas Linguísticas*, que a sua aventura no universo da linguística teria como objetivo demonstrar que o estruturalismo linguístico adentrou na Sociologia de forma a torná-la uma disciplina que não buscava mais as causas sociais dos dilemas da sociedade, ele demonstra como o estruturalismo estava equivocado em não olhar para a língua como fato social, isto é, enquanto fato produzido socialmente, e não uma entidade em si. Daí a demonstração de como a variedade linguística é valorada socialmente e quais as formas que devem ser usadas ou não. O autor

considera que é, no mínimo, um equívoco epistemológico transportar o estruturalismo linguístico para dentro da sociologia sem essa revisão de língua como fato social.

A análise de Pierre Bourdieu contribui para a compreensão do valor dos estilos no mercado linguístico, pois considera que as formas permitidas, aquelas que supostamente dariam ascensão social ou participação no grupo, diferem daquelas que manteriam o indivíduo em um lugar socialmente determinado, não permitindo a sua entrada em certos grupos sociais.

Há a possibilidade de verificarmos, através do conceito de mercado linguístico, os valores sociais agregados às variantes estilísticas. Mas nesse gesto reside um elemento que torna o estudo mais complexo e, talvez, seja necessário ampliar a concepção de mercado tomada por Pierre Bourdieu. Em Bourdieu, o mercado se articula de cima para baixo, da classe alta para a baixa. Como vimos, os significados sociais indexicalizados numa variante são diversos, a depender do grupo. O falante, na sociolinguística de terceira onda, está consciente desse jogo e ele pode jogá-lo não só da forma prevista por Bourdieu: o mercado com menos valor (classe baixa) apropriando-se das formas permitidas pelo mercado de maior valor (classe alta). Quando uma comunidade de prática indexicaliza sentidos positivos para uma variante estigmatizada em outra comunidade, ela pode estar marcando a sua identidade social e jogando o jogo não como esperado, mas de forma subversiva, a favor de seus interesses, valorando a sua variante de forma não esperada.

5. Considerações provisórias

Neste artigo pretendemos esboçar as bases teórico-metodológicas que estão guiando o desenho de uma pesquisa sociolinguística que está sendo realizada na Universidade do Estado da Bahia.

Observamos que o tratamento dado à variação linguística, dentro da Sociolinguística, experimenta revisões teórico-metodológicas ao longo do que Eckert (2012) denominou de ondas da Sociolinguística. Quanto ao conceito de estilo, especificamente, percebe-se a mudança epistemológica entre os estudos de primeira e terceira ondas. Naqueles, geralmente, o falante é visto como um usuário passivo da língua, nestes o falante é tratado como um usuário ativo da língua, alguém que constrói

sua identidade e pertença a uma comunidade de prática através de práticas agentivas em torno da língua.

O falante, dentro do quadro epistemológico da terceira onda da Sociolinguística, subverte os significados sociais das variáveis e suas variantes, indexalizando significados relevantes para a(s) comunidade(s) de prática(s) a que pertence. Sendo assim, o estilo não é o resultado apenas do encaixe social do falante em categorias macrosociais, mas da sua pertença a espaços microsociais (comunidade de prática) e da construção de uma *persona* (*personae*) que sirva aos interesses pessoais e comunitários.

Na pesquisa a respeito da variação estilística, a partir da terceira onda da sociolinguística, os aportes teórico-metodológicos aqui esboçados conferem um percurso epistemológico que, além de incorporado em pesquisas linguísticas anteriores, já demonstraram a sua eficácia na descrição de fenômenos linguísticos do Português Brasileiro. Pretendemos aplicá-los a fim de descrevermos o fenômeno linguístico variável que será objeto de nosso estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. Accent, (ING) and the social logic of listener. In: *American Speech*, Durham, V. 82, n. 1, p. 32-64, 2007.

ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. In: *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, V. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. In: *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, V. 12, n. 4, 453-76, 2008.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of practice: where language, gender, and power all live. In: HALL, Kira; BUCHOLTZ, Mary; MOONWOMON, Birch. *Locating power*: proceedings of the second Berkeley Women and Language Conference. Berkeley: Berkeley Women and Language Group, V. 1, p. 89-99, 1992.

ECKERT, Penelope.; WENGER, Étienne. Dialogue: Communities of practice in sociolinguistics: what is the role of power in sociolinguistic variation? In: *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, V. 9, n. 4, p. 582-9, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2016.

MENDES, Ronald Beline. *A terceira onda da Sociolinguística*. In: LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

SILVA, Thäis Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OLSEN, Wendy. *Coleta de dados: debates e métodos fundamentais em pesquisa social*. Porto Alegre: Penso, 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WENGER, Étienne. Communities of practice and social learning systems. In: *Organization*, London, V. 7, n. 2, p. 225-46, 2002.

ZHANG, Q. A Chinese yuppie in Beijing: Phonological variation and the construction of a new professional identity. In: *Languagein Society*, New York, 34, n. 3, p. 431-66, 2005.